

ANÁLISE DA PERCEPÇÃO ESPACIAL ATRAVÉS DE MAQUETES DOS ESTUDANTES DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL “SANTA LUZIA” DO MACURANY

Ernan Pedreno Viana¹
Carmem Lourdes Freitas dos Santos Jacaúna²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender de que maneira os estudantes do 5º Ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal “Santa Luzia” do Macurany percebem e representam por meio de maquetes as transformações espaciais ocorridas na comunidade, mediante a implementação do conjunto residencial Vila Cristina. Esse estudo foi conduzido por uma pesquisa de cunho qualitativo e uma abordagem fenomenológica. Para os estudantes da comunidade, o espaço geográfico em sua etapa inicial apresentava em sua maioria os aspectos físicos ou naturais presentes, como igarapés, lagos, animais, plantas e toda interação e interdependência entre eles. Toda modificação presenciada pelos alunos na natureza provavelmente foi da necessidade de trabalho de seus pais. Porém, com a expansão urbana da cidade de Parintins culminou com um conjunto de atividades desempenhadas pela sociedade promovendo a transformação do espaço geográfico da comunidade do Macurany. O artigo está organizado da seguinte forma: na primeira parte discute a importância do Ensino de Geografia para a compreensão do espaço geográfico. Posteriormente, aborda a maquete como sendo um recurso essencial para a representação da realidade. Em seguida, discorre sobre a reprodução do espaço da comunidade do Macurany e descreve um breve histórico que levou o conjunto residencial Vila Cristina a ser construído na localidade. Nos últimos capítulos, analisa as mudanças na comunidade percebidas através do estudo do meio, bem como as transformações ocorridas representadas por meio de maquetes confeccionadas pelos alunos.

Palavras-chave: Ensino de geografia. Estudo do meio. Maquete.

INTRODUÇÃO

Por meio da ciência geográfica passamos a compreender que o espaço geográfico corresponde ao espaço construído e alterado pelo homem (VESENTINI, 2000). Esse espaço abriga o homem e todos os elementos naturais, tais como: relevo, clima, vegetação, a fauna e tudo que nele está inserido. O mundo está em constante processo transformação, principalmente, a partir do acelerado desenvolvimento científico e tecnológico e isso tem contribuído para que o espaço se transforme rapidamente. Dessa forma o espaço geográfico

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Geografia/CESP-UEA. E-mail: ernanpedreno@hotmail.com

² Professora MSc. do Centro de Estudos Superiores de Parintins/CESP-UEA. E-mail: carmen.ifsj@gmail.com

pode ser considerado como produto humano socialmente construído em constante processo de transformação.

Para as crianças que habitam o meio rural e quando por alguma razão esse espaço passa por transformações, os elementos vistos como referências tornam-se lembranças, pois serão substituídos por novos elementos como casas, ruas, pessoas circulando, estabelecimentos comerciais, etc. Em vista disso, o presente artigo seguindo os pressupostos do método fenomenológico, se propõe a compreender de que maneira os estudantes do 5º Ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal “Santa Luzia” do Macurany percebem e representam por meio de maquetes as transformações espaciais ocorridas na comunidade, mediante a implementação do conjunto residencial Vila Cristina.

Para os estudantes da comunidade, o espaço geográfico em sua etapa inicial apresentava em sua maioria os aspectos físicos ou naturais presentes, como igarapés, lagos, animais, plantas e toda interação e interdependência entre eles. Toda modificação presenciada pelos alunos na natureza provavelmente foi da necessidade de trabalho de seus pais. Foi através desse trabalho que eles foram capazes de construir e desenvolver tudo aquilo que é indispensável à sobrevivência da família. Porém, com a expansão urbana da cidade de Parintins culminou com um conjunto de atividades desempenhadas pela sociedade promovendo dessa forma a transformação do espaço geográfico da comunidade do Macurany.

Utilizaremos os pressupostos teóricos de autores como (STRAFORINI, 2004) onde ressalta a importância do Ensino de Geografia para a compreensão das transformações ocorridas no mundo. OLIVEIRA (1998) retrata a globalização e aproximando-se, portanto, das reflexões de MICHELETO (1997) onde aponta que no período atual marcado pela técnica, ciência e informação é muito mais necessário aprender geografia para entender o mundo em que vivemos. VESENTINI (2000), ALMEIDA (1999) e CALLAI (1998) discutem o papel da Geografia na atualidade, pois para os autores é a única que possibilita o entendimento das transformações ocorridas no espaço geográfico e a partir dessa compreensão aluno poderá entender o mundo em que vive e discutir os problemas que nele ocorre.

Para as discussões referentes à maquete e a representação do real nos embasaremos em autores como (CASTROGIOVANI, 2012) onde enfatiza que a Cartografia proporciona ao aluno o desenvolvimento de habilidades básicas para o entendimento do espaço geográfico, devendo ela ser inseridas no contexto escolar ainda no processo de alfabetização, pois é nessa

fase que as crianças desenvolvem as primeiras percepções sobre o mundo. ALMEIDA (2011) e SILVA E MUNIZ (2012) destacam que o uso da maquete favorece a passagem da representação bidimensional para a tridimensional, por possibilitar domínio visual do espaço, a partir de um modelo reduzido.

O presente artigo está organizado da seguinte forma: na primeira parte discute a importância do ensino de geografia para a compreensão do espaço geográfico. Posteriormente, aborda a maquete como sendo um recurso essencial para a representação da realidade. Em seguida, discorre sobre a reprodução do espaço da comunidade do Macurany e descreve um breve histórico que levou o conjunto residencial Vila Cristina a ser construído na localidade. Nos últimos capítulos, analisa as mudanças na comunidade percebidas através do estudo do meio, bem como as transformações ocorridas na comunidade representadas por meio de maquetes confeccionadas pelos alunos.

A pesquisa permitiu analisar como os alunos do 5º Ano do ensino fundamental perceberam e representaram por meio de maquete as transformações ocorridas na comunidade do Macurany. Dessa forma, despertou no aluno a capacidade de produzir a maquete onde foi possível estabelecer as principais transformações ocorridas na comunidade do Macurany e isso implicou em uma melhor participação deste no processo de construção de conhecimento.

1 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA A COMPREENSÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

O Ensino de Geografia na contemporaneidade necessita de questionamentos, tais como: Para que se ensina Geografia? Porque se ensina Geografia? (STRAFORINI, 2004). O autor ressalta que o Ensino de Geografia é de fundamental importância para que as novas gerações possam acompanhar e compreender as transformações ocorridas no mundo.

Oliveira (1998) acredita que exista um renovado interesse pelo estudo da Geografia em virtude do processo de aceleração da globalização. Desta forma, a Geografia passa a ter um papel de destaque na escola, pois é a única disciplina a possibilitar o acompanhamento das transformações ocorridas no espaço geográfico na atualidade.

No período atual marcado pela técnica, ciência e informação é muito mais necessário aprender geografia para entender o mundo em que vivemos. O mundo atual se torna muito mais dinâmico com o surgimento principalmente de novas tecnologias (MICHELETO, 1997

apud STRAFORINI, 2004). Atualmente existem satélites artificiais que proporcionam imagens da superfície terrestre em altíssimas qualidades. E estes recursos tecnológicos contribuem ao Ensino de Geografia para variados tipos de pesquisas e estudos.

Vesentini (2000) ressalta que com a globalização a escola não tem somente a função de desenvolver a inteligência, o senso crítico, a criatividade e a iniciativa pessoal, mas também discutir os grandes problemas do mundo. Entretanto, as discussões referentes aos diversificados problemas enfrentados pela sociedade contemporânea podem estar diretamente ligadas ao processo de globalização e isso pode ser discutido diretamente com os alunos em sala de aula. No mesmo sentido, Almeida (1999 apud STRAFORINI, 2004, p. 53) aponta que o Ensino de Geografia tem por finalidade:

Munir os alunos de conhecimentos que lhes permita agir de modo mais lúcido ao tratar das questões que tem haver com a ocupação e gestão do espaço em diferentes níveis. O ensino de geografia tem, portanto, papel decisivo para a formação da cidadania.

De acordo com a autora o Ensino de Geografia teria condições suficientes para compreender o homem enquanto sujeito ativo em um mundo extremamente dinâmico. Ser cidadão pleno em nossa época significa antes de tudo estar integrado criticamente na sociedade, participando de maneira ativa de suas transformações. Vesentini (2005) destaca que a Geografia é um instrumento indispensável para empreendermos essa reflexão, que deve ser a base da nossa atuação no mundo. Para isso, devemos refletir sobre o nosso mundo, compreendendo-o do âmbito local até o âmbito nacional e planetário.

Callai, (1998 apud STRAFORINI, 2004, p. 53) destaca três motivos para se ensinar Geografia no sentido de compreender o mundo como totalidade:

O primeiro motivo trata de conhecer o mundo e obter informações a seu respeito. O segundo motivo é conhecer o espaço produzido pelo homem, e as relações existentes entre sociedade e natureza. Por fim, o objetivo maior de ensinar geografia é fornecer ao aluno condições para que seja realmente construído a sua cidadania.

O papel do Ensino de Geografia é apresentar as condições necessárias para o esclarecimento das contradições existentes na sociedade a partir do espaço, para que no seu entendimento e compreensão possa surgir um inconformismo e, a partir daí, uma outra, possibilidade para a condição da existência humana (STRAFORINI, 2004).

O espaço geográfico traz a marca da sociedade que o produz ao longo de um tempo histórico (CARLOS, 2011). A sociedade vai se reproduzindo apagando sua história, passível de ser observadas nas construções, no desenho das vias, no modo de vida e no contato entre os

indivíduos. Para Carlos (2011) o espaço geográfico é um produto histórico e social onde o homem não se relaciona simplesmente com a natureza, mas, a partir dela, pelo processo de trabalho, apropriando-se da natureza transformando-a em produto seu, como condição do processo de reprodução da sociedade.

Nesse sentido o trabalho humano é considerado um dos principais agentes transformadores do espaço. Isso pode ser observado desde os primeiros momentos onde o homem precisou transformar a natureza para suprir as suas necessidades de moradia e alimentação, por exemplo. As transformações ocorridas no espaço geográfico e tudo que o compõe não ocorreram recentemente, e sim sucedidas de um longo processo histórico, delineada a partir de vários séculos, sendo o resultado da relação evolutiva do homem com o meio natural.

A partir dos questionamentos referentes ao Ensino de Geografia percebe-se a importância da disciplina no contexto escolar desde os anos iniciais para que os alunos possam acompanhar e compreender as transformações ocorridas no mundo. Neste sentido a Geografia passa a ter um papel importante, pois é a única que possibilita o entendimento das transformações ocorridas no espaço geográfico e a partir dessa compreensão aluno poderá entender o mundo em que vive e discutir os problemas que nele ocorre. O Ensino de Geografia tem, portanto, papel importante para a formação da cidadania, pois fornece ao aluno condições necessárias para que este possa agir criticamente na sociedade em que está inserido.

2 A MAQUETE E A REPRESENTAÇÃO DO REAL

A Cartografia proporciona ao aluno o desenvolvimento de habilidades básicas para o entendimento do espaço geográfico, devendo ela ser inserida no contexto escolar ainda no processo de alfabetização, pois é nessa fase que as crianças desenvolvem as primeiras percepções sobre o mundo (CASTROGIOVANI, 2012).

Uma maneira atraente de representar o espaço é por meio da maquete. Recurso didático pouco empreendido em sala de aula, no entanto, importante para visualizar elementos que representam determinados aspectos da realidade (ALMEIDA, 2011). Para Almeida (2011, p. 77) “o uso da maquete favorece a passagem da representação bidimensional para a tridimensional, por possibilitar domínio visual do espaço, a partir de um modelo reduzido”.

A autora destaca que nesta situação deve ser apresentado o ponto de vista de cima como uma solução para, quando se deseja uma visão mais ampla da área, inclua grande quantidade de elementos existentes no espaço. Essa redução, apesar de não conservar as mesmas relações de comprimento, área e o tamanho real, permite o aluno ver o todo e, portanto, refletir sobre ele.

O uso da maquete possui suas finalidades e objetivos quando se pretende representar uma porção do espaço. Isso depende muito de como este recurso será utilizado em variadas situações. De acordo com Almeida (2011, p. 78) o principal objetivo do trabalho com a maquete:

é chegar ao ponto de vista vertical, por isso não é necessário construí-la em escala. Os tamanhos da maquete e dos objetos que figuram dentro dela devem ser definidos por comparação e aproximações entre o real e os materiais disponíveis. A questão da redução, da escala, certamente estará presente, mas não como um conceito preciso, acabado.

Através do ponto de vista vertical, o aluno conseguirá identificar os elementos presentes fazendo uma comparação entre o real e o que é realmente representado. Trata-se de uma questão de seleção dos objetos a serem escolhidos de acordo com o que se pretende representar. Nesse caso deve ser levado em consideração o tamanho desses objetos a serem representados, pois o tamanho dos elementos representados pode influenciar nas diferentes maneiras de interpretação da maquete.

Outra questão pertinente é a forma como os elementos reais serão representados. Apesar das maquetes aproximarem-se do real, na confecção das mesmas há uma eleição de símbolos representativos de objetos. Além disso, há certo grau de generalização, pois não se faz uma redução de tudo o que existe, até mesmo por existirem elementos impossíveis ou desnecessários de figurar nas maquetes (ALMEIDA, 2011).

De acordo com Almeida (2011, p. 78):

o mais importante quanto ao domínio sobre o espaço é que o uso da maquete projeta o observador fora do contexto espacial no qual ele se insere, permitindo-lhes estabelecer, inicialmente relações espaciais topológicas entre a sua posição e a dos elementos da maquete.

Dessa forma, o modo como se observa a maquete possibilitará no aluno a manipulação dos elementos representados, podendo ser deslocado na representação de acordo com o interesse do observador.

A maquete enquanto um componente cartográfico se expõe como uma importante ferramenta para o Ensino de Geografia, pois aparenta uma forma de representação tridimensional do espaço em grande escala cartográfica que mantêm as verdadeiras formas da realidade.

Para Silva e Muniz (2012, p. 66):

No processo de comunicação cartográfica, a mensagem é passada a partir de um conjunto de elementos previamente organizados na maquete. A construção desse recurso didático pelos alunos permite a compreensão do espaço que está sendo trabalhado, valorizando o conhecimento prévio dos mesmos.

Nesse contexto, a cartografia se apresenta como um sistema de informação, permitindo identificar na maquete, a forma de representação do real, estabelecendo, portanto, um importante recurso didático para o ensino de geografia, possibilitando uma melhor leitura, análise e interpretação do espaço geográfico.

No processo de ensino-aprendizagem da geografia, despertar no aluno a capacidade de produzir a maquete de uma determinada realidade implicará em uma melhor participação deste no processo de construção de conhecimento, além de oportunizar o professor a entender o contexto social e cultural em que os alunos estão inseridos.

3 A REPRODUÇÃO DO ESPAÇO DA COMUNIDADE DO MACURANY

As informações aqui citadas foram disponibilizadas pela Escola Municipal “Santa Luzia” do Macurany onde a pesquisa foi realizada e fazem parte dos arquivos que escola possui referentes à fundação da comunidade do Macurany.

Pertencente a cidade de Parintins a comunidade do Macurany delimita-se ao norte com o igarapé da Cristina e a Cabeceira do Macurany; ao sul com o Paraná do Ramos; ao leste com o lago do Macurany, terras do Paraná do Ramos e águas do rio Amazonas.

A origem do nome Macurany ainda é desconhecida pelos moradores; no entanto, os comunitários mais antigos relatam que a origem do nome advém do sobrenome “Macuna”; uma família que veio do estado do Ceará e fixou residência nas margens do rio Macurany.

A fundação da comunidade ocorreu de maneira informal no dia 03 de dezembro de 1965, tendo o apoio integral da Diocese de Parintins sob a coordenação dos padres Gino Malvestio, Augusto Gianola e Irmão Bruno.

A comunidade do Macurany está a 4 km da cidade de Parintins. O acesso é via estrada asfaltada que leva o nome da comunidade (Estrada do Macurany), apresentando boas condições de tráfego.

Funcionam na comunidade os serviços de luz e água; mais ainda não possui antena de nenhuma operadora de telefonia móvel; a urbanização ainda é precária. A comunidade possui uma paisagem natural com uma vegetação de árvores de grande porte. A região é formada por um relevo plano característico da Amazônia, circundado ao Sul pelo lago do Macurany e seus afluentes, ainda apresenta uma vegetação nativa de capoeira e alguns pontos de vegetação secundária formada principalmente por castanheiras e buritizeiros que servem de mata ciliar para as nascentes localizadas no local.

A comunidade possui uma escola Municipal chamada de “Santa Luzia”, que funciona em dois turnos e atende crianças do Ensino Fundamental.

3. 1 Dados gerais da Escola Municipal “Santa Luzia” do Macurany

A Escola Municipal de Ensino Fundamental “Santa Luzia” do Macurany, surgiu a partir da necessidade de oferecer estudos para as crianças, adolescentes e jovens desta comunidade que se deslocavam até os bairros centrais da cidade de Parintins. Por conta da distância gerava uma série de dificuldades causadas pela falta de transporte público, de meios de deslocamentos particular e até mesmo, o perigo que os mesmos corriam, pois, na época a mata tomava conta da localidade.

Foi no início da década de 1970 que surgiu dois núcleos escolares, que tinham como professoras Maria Brasil e a Conceição Viana. Essas professoras residiam na localidade, com isso suas aulas eram dadas em pequenos barracões em suas casas. Foram também professoras nesta época Tereza Treme e Valdenice Brasil.

Com a fundação da Comunidade de Santa Luzia do Macurany na década de 1980, as aulas começaram a funcionar no centro comunitário em uma sede atrás da igreja.

Por volta de 1982, o senhor Ely de Melo Azedo fez a doação de uma área próxima à igreja onde então a gestão municipal providenciou a construção uma sala de aula, com corredor, uma cozinha e um depósito onde passou funcionar definitivamente a Escola. Em 1988 a mesma foi ampliada sendo construída uma secretaria e três salas de aula sendo que a reinauguração da escola ocorreu no dia 6 de fevereiro de 1988.

No dia 11 de fevereiro de 2003, por meio do decreto nº028/2003, o prefeito da época, Enéas de Jesus Gonçalves Sobrinho, usando das atribuições que lhe são conferidas pelos artigos 66, inciso VI artigo 96, inciso I, alínea B, da lei nº 01/90-CCMP (Lei Orgânica do Município de Parintins) e o dispositivo da Resolução nº 033/2001-CEE/AM, considerando a necessidade de regularizar a referida escola perante aos Órgãos Estaduais Federais e Municipais de Ensino decreta: A mesma a partir desta fica denominada Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Luzia, localizada na área suburbana da Comunidade de Santa Luzia do Macurany, neste Município, vinculada á Secretaria Municipal de Educação, Juventude, Esporte e Lazer (SEMED).

A Escola Municipal atende 104 crianças, nos dois Níveis de Ensino: Educação Infantil e as Séries iniciais do Ensino Fundamental. A mesma trabalha com o Projeto: Educar para a vida, com o Tema: Valores, família e escola. Suas atividades são pedagógicas e também de formação de cidadãos, estas são desenvolvidas durante o período letivo com parcerias de Secretarias Municipais e outras Entidades, suas ações têm participação direta de alunos, professores, funcionários, pais e comunitários.

A Escola Municipal Santa Luzia funciona no turno matutino e vespertino com séries agregadas. Tem como Coordenadora da Escola M^a Lúcia Romano Marques, 1 Assistente Técnico Administrativo, 4 professoras, 1 Merendeira, 1 Auxiliar de Serviços Gerais e 1 Vigia.

No espaço físico a escola possui 4 salas de aula climatizadas, 1 laboratório de informática, 1 secretaria, 1 cantina, 2 banheiros e 1 almoxarifado; além de uma extensa área natural.

3.2 Breve histórico do conjunto residencial Vila Cristina

As informações aqui citadas foram disponibilizadas pelo escritório da Construtora NV que fica localizado no conjunto residencial Vila Cristina e fazem parte do histórico que a empresa possui onde relata algumas etapas importantes que levou o conjunto residencial a ser construído.

A Prefeitura Municipal de Parintins regulamentou e concedeu o título definitivo aos herdeiros de Raimundo Djard Vieira, antigo prefeito da cidade em nome de seu representante Alfredo José Prestes Vieira, o terreno, hoje denominado Vila Cristina no Município de

Parintins, Estado do Amazonas, com uma área total de 181.1638 hectares conforme cópia do registro de imóvel nº 1447, 3º ofício de imóveis da comarca de Parintins, no qual se limita ao norte (lado esquerdo) com o lago do Macurany; ao sul (lado direito) com o lago do Parananema e a oeste (fundo) com a estrada do Faz tudo.

Em 2008 a secretaria Municipal de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente (SUDEMA) concedeu a certidão de viabilidade municipal a Alfredo José Prestes Vieira para lotear a propriedade com intuito de comercialização e venda. Dessa forma a empresa Itajahy Arquitetura e Construção LTDA, representado pelo seu gerente Frederico Itajahy Prado de Azevedo e de outro lado a Rio Apoquitaua Empreendimento LTD representada pela sua sócia gerente e esposa Maria Cládia Gravetá de Azevedo compraram o loteamento na área do Macurany.

Em 2008, as empresas que têm sede em Manaus fizeram o lançamento do empreendimento na cidade, sendo amplamente divulgado na imprensa local. O projeto tinha como objetivo inaugurar um novo modelo de moradia que resgatava o conceito de paz, de unidade, de infraestrutura urbanística para atender as necessidades das pessoas e contribuir com uma vida de qualidade e bem estar a todos colocados em seu folder de propaganda.

Posteriormente a construtora NV do empresário Valmir Nogueira, também com sede em Manaus, assumiu todas as dívidas anteriores das empresas e se utilizou da licença de instalação 105/09 do IPAAM (Instituto de Proteção Ambiental do Estado do Amazonas) e conseguiu aprovar o projeto habitacional junto a Caixa Econômica no programa Minha Casa, Minha Vida do governo Federal.

O conjunto residencial na área do Macurany já foi alvo de questionamentos e polêmicas durante o seu processo de construção. Pois a área onde está construído é considerado pelo Plano Diretor do Município como APA (Área de Proteção Ambiental) de onde foram derrubadas várias castanheiras para a construção de casas. E a derrubada de castanheiras que pelo Decreto Federal nº 1282 – “Fica proibido o corte e a comercialização da castanheira (*Bertholletia Elcesea*) [...] em florestas nativas primitivas ou regeneradas, ressalvados os casos de projetos para a realização de obra de relevante interesse público [...]”. Dessa forma conforme o decreto torna-se um crime ambiental a supressão vegetal das castanheiras.

Atualmente o conjunto residencial Vila Cristina já possui um número considerável de moradores, mas ainda existem residências que ainda não foram ocupadas. As mudanças vêm ocorrendo gradativamente no local, isso pode ser observado a partir das transformações feitas nas casas, principalmente com a construção dos muros feitos pelos moradores.

4 AS MUDANÇAS NA COMUNIDADE PERCEBIDAS ATRAVÉS DO ESTUDO DO MEIO

O estudo do meio possui lugar de destaque nos procedimentos didáticos no ensino da Geografia, “pois exigem o contato direto do aluno com o objeto de estudo” (Silva, 2004, p. 9). Através do envolvimento no trabalho, os alunos aprendem a observar fenômenos espaciais e o significado dos fatos ocorridos em determinados lugares (SILVA, 2004).

Pontuschka (1996) apud Silva (2004) destaca a relevância do estudo do meio como articulador de diferentes disciplinas do currículo escolar sem deixar que percam sua especificidade. A metodologia do estudo do meio:

é uma forma de estudar as modificações do espaço no tempo, analisando suas marcas na própria paisagem. Tais marcas retratam as relações sociais e as vivências em tempos diferentes, ligando o passado ao presente (SILVA, 2004, p. 11).

Para Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 173) “o estudo do meio é uma metodologia de ensino que pretende desvendar a complexidade de um espaço determinado extremamente dinâmico e em constante transformação”. Para os autores o estudo do meio permite ainda que o aluno e professor se envolvam num processo de pesquisa para a análise de diferentes aspectos quando se pretende estudar uma determinada porção do espaço geográfico.

Alentejano e Rocha-Leão (2006, p. 57) ressalta que:

Fazer o trabalho de campo representa, portanto, um momento do processo de reprodução do conhecimento que não pode prescindir da teoria, sob pena de tornar-se vazio de conteúdo, incapaz de contribuir para revelar a essência dos fenômenos geográficos. Neste sentido, trabalho de campo não pode ser mero exercício de observação da paisagem, mas partir desta para compreender a dinâmica do espaço geográfico, num processo mediato pelos conceitos geográficos.

De acordo com Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009 p. 174):

Ver uma paisagem qualquer que seja do lugar em que o aluno mora ou outra, fora de seu espaço de vivência, pode suscitar interrogações que, com o suporte do professor, ajudarão a revelar e mostrar o que existe por trás do que se vê ou do que se houve.

Para a realização do estudo do meio a primeira etapa do trabalho se deu a partir das informações repassadas para os alunos através de um diálogo em sala de aula referentes a fundação da comunidade do Macurany e o processo de construção do conjunto residencial Vila Cristina pela construtora NV.

A partir da construção do conjunto residencial Vila Cristina, primeiro com a Itajahy e a Apoquitaua e depois com a construtora NV teve-se uma série de polêmicas relacionadas aos impactos ambientais principalmente com a derrubada de castanheiras que existia no local. O desmatamento foi alvo de manifesto pela população Parintinense, porque naquele lugar existiam várias castanheiras que serviam como fontes de renda para os comunitários, através da coleta e venda da castanha.

Feitas as discussões em sala de aula realizou-se o estudo do meio, onde os alunos divididos em quatro grupos de quatro componentes realizaram as observações e anotações no caderno de campo sobre a atual configuração do local em estudo, destacando as principais transformações ocorridas na comunidade do Macurany a partir da construção do conjunto residencial Vila Cristina.

De acordo com Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 174):

Uma das etapas importantes do estudo do meio é o trabalho de campo - a saída da escola já permite outro modo de olhar. O aluno pode, se bem orientado, utilizar todos os seus sentidos para conhecer melhor certo meio, usar todos os recursos de observação e registros.

As observações partiram do entorno da escola para o conjunto residencial Vila Cristina (Figura 1). Na primeira parada em frente à escola, os alunos observaram primeiramente a estrada do Macurany que dá acesso à comunidade e ao conjunto residencial.



Figura 1: Saída da escola para o conjunto residencial.
Fonte: Viana, 2015.

Quando perguntados sobre as mudanças que a princípio poderiam ser vistas nos arredores da escola, os alunos destacaram a estrada que antigamente não era asfaltada e era apenas um caminho por onde os moradores se deslocavam. Notaram ainda o desmatamento ocorrido nas fazendas que ficam nas cercanias da escola. De acordo com os alunos a área desmatada pertencia aos moradores da comunidade que posteriormente foram vendidas aos atuais fazendeiros.

Com relação à estrada os alunos puderam ver o fluxo constante de veículos que passa em frente da escola no sentido Vila Cristina - cidade de Parintins. Nesse momento explicou-se para os alunos que isso ocorria pelo fato de que o conjunto residencial já possui uma grande quantidade de moradores que precisam se deslocar para a cidade a trabalho e a outras necessidades particulares.

Ao chegarem ao conjunto residencial os alunos puderam observar o posto de gasolina (Figura 2) que está sendo construído na entrada do conjunto. Destaquei que um dos motivos que levou o posto a ser instalado na localidade foi a distância existente entre a comunidade e o posto mais próximo que se localiza no bairro Itaúna I, na Rua Geny Bentes. Dessa forma houve a necessidade de construir o posto de gasolina para atender os moradores do conjunto residencial, bem como toda a comunidade do Macurany.



Figura 2: Posto de gasolina em processo de construção.
Fonte: Viana, 2015.

Prosseguindo as ruas do conjunto os alunos puderam observar toda a configuração atual do conjunto residencial. Notaram que no local já existe alguns comércios que atende boa parte dos moradores fornecendo produtos alimentícios e outras mercadorias.

As mudanças na estrutura das casas (Figura 3) foi algo que chamou bastante atenção, pois alguns alunos perguntaram por que o muro é uma das primeiras construções a serem

realizadas? Nesse momento foi necessário abrir uma conversa para falar sobre a questão da segurança que os moradores necessitam, pois, o conjunto fica em uma área bastante propícia a roubos e assaltos e a construção do muro se torna necessário quando se pretende obter mais segurança.



Figura 3: Algumas casas que já possuem o muro.
Fonte: Viana, 2015.

Ao chegarem ao final do percurso os alunos puderam perceber a grande área que precisou ser desmatada para a construção do conjunto residencial. Nesse momento levantou-se uma discussão relacionada ao processo de construção do conjunto residencial Vila Cristina e as polêmicas geradas a partir da sua implementação. Alguns pontos foram lembrados pelos alunos a partir das informações repassadas em sala de aula como, por exemplo, a derrubada de castanheiras que existia no local para a construção das casas.

Quando perguntados sobre o que existia e como era o local onde foi construído o conjunto residencial, responderam que não lembravam o que existia no local pela questão da idade, porém, outros alunos se arriscaram em dizer que no local existiam animais, árvores, pássaros e alguns moradores. Apesar de não terem presenciado toda a transformação ocorrida na comunidade, os alunos compreendem que no local onde foi construído o conjunto residencial era totalmente diferente do atual, pois apresentava elementos naturais como destacados anteriormente e pouca presença humana.

Na volta à escola, foi realizada uma discussão entre os grupos sobre os principais aspectos observados através do estudo do meio. Entre eles, o processo que levou o conjunto residencial Vila Cristina a ser construído na comunidade do Macurany e as transformações ocorridas na comunidade através da implementação do conjunto residencial.

Para Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 186):

O estudo do meio não se encerra com o trabalho de campo. A partir deste inicia-se um processo de sistematização extremamente cuidadoso de todo o material obtido e registrado nos desenhos, nas fotografias, nos poemas, nas anotações, no falar dos moradores [...] os múltiplos saberes, agora enriquecidos pelas várias experiências e saberes conquistados no campo, encontram-se na sala de aula.

A partir das anotações feitas pelos alunos, destacou-se o conjunto residencial Vila Cristina como sendo o principal agente transformador da comunidade a partir da sua construção principalmente porque foi necessário desmatar uma grande área para a sua construção. De acordo com o Jornal Estado de São Paulo, o morador da comunidade Ordiley Silva ressaltou que as castanheiras beneficiavam mais de 130 famílias e que no local foram derrubadas mais de cem, entretanto a empresa informou o corte de 81 apenas.

Com a participação dos alunos no estudo realizado na comunidade do Macurany, foi possível observar e compreender a ligação do que foi discutido em sala de aula com o que foi visto e vivenciado no estudo do meio. Para que os alunos pudessem representar as mudanças ocorridas na comunidade, os mesmos tiveram que construir em grupos uma maquete destacando as transformações ocorridas na comunidade e os principais elementos vistos através do estudo do meio. Esta próxima etapa do trabalho será descrita no item a seguir.

5 AS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NA COMUNIDADE REPRESENTADAS POR MEIO DE MAQUETES

Após o estudo do meio realizado na comunidade do Macurany os alunos divididos em grupos tiveram que construir com o auxílio do acadêmico a maquete. Este recurso didático da cartografia foi usado para representar as transformações ocorridas no espaço geográfico da comunidade a partir da implementação do conjunto residencial Vila Cristina.

Os materiais utilizados para a confecção da maquete foram disponibilizados pelo acadêmico (agente da pesquisa) e pelos estudantes (sujeitos da pesquisa). Para a construção da maquete foi necessário caixas de: fósforo, remédios, creme dental, perfume etc., canudos, palitos de fósforos, tesouras, barbante e cola; tinta guache de várias cores, pincel, jornal, etc. Além de ser necessária uma base de papelão para cada grupo medindo 50 X 50 cm. (Os materiais destacados são de preferência descartáveis ou de baixo custo).

Antes de sugerir a construção da maquete para os estudantes, de início ensinou-se como confeccionar as casas utilizando as caixas de fósforos, creme dental, remédios etc. Nesta primeira etapa da construção da maquete (Figura 4) os alunos demonstraram estar interessados, pois não tiveram quase nenhuma dificuldade para montar as casas. Foi sugerido para que os grupos usassem a criatividade para confeccionar outros elementos observados através do estudo do meio e que poderiam usar todos os materiais disponíveis para cada grupo. Após esta etapa foi disponibilizado para os grupos uma base de papelão medindo 50 x 50 cm, onde pudessem montar os elementos confeccionados por eles.



Figura 4: Processo de montagem das casas.
Fonte: Viana, 2015.

Observou-se que três grupos fizeram primeiramente a escola e um grupo optou em confeccionar primeiro a igreja de Santa Luzia que se localiza próximo a escola. Percebe-se que esses dois elementos (escola e igreja) foram escolhidos pelos grupos para se colocar como pontos de referências na maquete e a partir destes pontos poderiam ser colocados os outros elementos na mesma sequência como foram observados através do trajeto percorrido, quando se fez o estudo do meio.

No centro da base de papelão os grupos traçaram com lápis a estrada do Macurany e combinaram entre si onde ficariam os elementos observados. De um lado da estrada colaram a escola e a igreja, deixando um espaço entre ambas para que pudessem construir o campo de futebol.

No lado oposto da estrada os grupos começaram a construir o conjunto residencial Vila Cristina. Notou-se nesse momento que dois grupos construíram o posto de gasolina e colaram na base, somente depois traçaram as ruas para fixarem as casas. Os outros dois

grupos fizeram um alinhamento tendo como referência a estrada, depois dividiram as ruas como se fossem quadras e começaram a montar o conjunto residencial.

Após terem colados todas as peças confeccionadas pelos grupos como: casas, igreja, poste de luz, escola, caixa d'água da escola, cercas, posto de gasolina, portal do conjunto, árvores etc. Os grupos iniciaram então o processo de pintura das maquetes. Foram disponibilizados para os grupos vários tipos de cores e sugeri que usassem de acordo com a cor de cada elemento observado. Nesta etapa do trabalho a participação dos alunos foi intensa, pois todos queriam pintar algum detalhe na maquete. E para que a situação não saísse de controle sugeri que cada componente do grupo ficasse responsável em pintar uma parte da maquete e logo a questão foi resolvida.

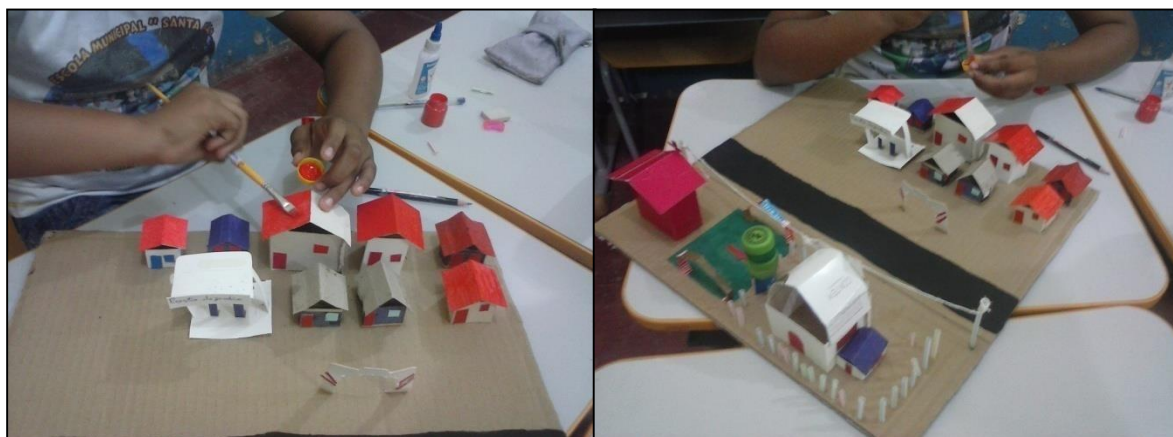


Figura 5: Pintura das maquetes.

Fonte: Viana, 2015.

Nas quatro maquetes construídas, notou-se que todos os grupos conseguiram colocar os principais elementos observados através do estudo do meio em seus devidos lugares, apesar de não serem postos todos na mesma ordem. O trabalho foi bastante proveitoso, percebeu-se que os alunos ficaram bastante motivados em construir a maquete, pois segundo eles ainda não tinham feito um trabalho desse tipo.

Para Santos, Duarte e Rosa (2015, p. 623):

O professor poderá utilizar a maquete como um recurso didático para a representação vivenciada no cotidiano, que por sua vez será um auxílio utilizado na sua explicação, e o aluno absorverá com mais facilidade, tendo em vista que é uma representação da sua realidade, pois assim terá um maior aproveitamento na construção de suas ideias.

Após terminarem as maquetes, a professora sugeriu que os grupos apresentassem para uma turma de 4º Ano o trabalho realizado, relatando todo o processo que levou a maquete a

ser construída e que explicassem os elementos representados. Esta parte de socialização dos grupos com outra turma foi bastante válida, pois pude observar nos alunos o quanto estavam interessados em compartilhar a experiência com os colegas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo percebe-se a importância do Ensino de Geografia nas escolas para que os alunos possam acompanhar e compreender as transformações ocorridas na atualidade. Assim, a Geografia possibilita ao aluno o entendimento das transformações ocorridas no espaço geográfico e a partir dessa compreensão poderá discutir os problemas que nele ocorre. Dessa forma o Ensino de Geografia tem, portanto, papel importante para a formação da cidadania, pois fornece ao educando condições para que este possa agir criticamente na sociedade onde atua.

A cartografia possui habilidades básicas para que o discente possa compreender o espaço geográfico em que está inserido, devendo ela ser introduzida no contexto escolar ainda no processo de alfabetização, pois é nesta fase que as crianças desenvolvem as primeiras percepções sobre o mundo.

A partir do estudo do meio realizados com alunos da Escola Municipal “Santa Luzia” do Macurany, destacou-se o conjunto residencial Vila Cristina como sendo o principal agente transformador da comunidade a partir da sua construção, principalmente porque foi necessário desmatar uma grande área para construir as casas do conjunto habitacional. As castanheiras ali existentes beneficiavam mais de 130 famílias e que no local foram derrubadas mais de cem, entretanto a empresa responsável informou o corte de 81 apenas.

Enquanto um componente cartográfico a maquete se expõe como uma importante ferramenta para o Ensino de Geografia, pois apresenta uma forma de representação tridimensional de um determinado espaço que mantêm as mesmas formas da realidade. Este recurso didático da cartografia foi usado para representar as transformações ocorridas no espaço geográfico da comunidade a partir da implementação do conjunto residencial Vila Cristina.

Contudo, o presente trabalho permitiu analisar como os alunos do 5º Ano do ensino fundamental perceberam e representaram por meio de maquete as transformações ocorridas na

comunidade do Macurany. Dessa forma, despertou no aluno a capacidade de produzir a maquete onde foi possível estabelecer as principais transformações ocorridas na comunidade do Macurany e isso implicou em uma melhor participação deste no processo de construção de conhecimento.

Entretanto, a partir da construção de maquetes notou-se que os alunos demonstraram estar interessados, pois não tiveram quase nenhuma dificuldade para montar as casas. No entanto, os grupos usaram a criatividade para confeccionar vários elementos observados através do estudo do meio e usaram todos os materiais disponíveis.

Nas quatro maquetes construídas, notou-se que todos os grupos conseguiram colocar os principais elementos observados através do estudo do meio em seus devidos lugares, apesar de não serem postos todos na mesma ordem. O trabalho foi bastante proveitoso, pois notou-se que os alunos ficaram bastante motivados em construir a maquete, pois segundo eles ainda não tinham feito um trabalho desse tipo na escola.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DO ESTADO. **Obra do minha casa minha vida derruba mata nativa no Amazonas**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br>>. Acesso no dia 21 de agosto de 2015.

ALMEIDA, R. D. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ALMEIDA, R. D. de. **Ensinar geografia para quem vive num outro mundo**. In: Anais: 5º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia. Belo Horizonte, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 1999.

ALENTEJANO, P. R. R.; ROCHA-LEÃO, O. M. **Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado?** In: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB – São Paulo, 1949.

CALLAI, H. C. (org.). **0 ensino em Estudos Sociais**. Ijuí: Unijui Editora, 1998.

CARLOS, A. F. A. **Apresentando a metrópole na sala de aula**. In: CARLOS, A. F. A. (Org.) **A Geografia na sala de aula**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: Práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

DECRETO FEDERAL N° 1282, de 19 de outubro de 1994. Regulamenta os arts. 15, 19, 20 e 21 da Lei n° 4.771, de 15 de setembro de 1965.

LICENÇA DE INSTALAÇÃO 105/09. Disponível em: <<http://www.ipaam.am.gov.br>>. Acesso no dia 5 de setembro de 2015.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MICHELETO, E. V. **A geografia e seu ensino**. Ciência Geognilca. Bauru, Ano 11, n° 8 - set/dez. AGB - Bauru, 1997.

NOGUEIRA, A. R. B. **Percepção e representação gráfica**: a geofragicidade nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. Manaus: Edua, 2014.

OLIVEIRA, A. U. de. Para onde vai o ensino de geografia? 5. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

PONTUSCHKA, N. N; PAGANELLI, T. I; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARINTINS. **Lei Municipal N° 09/2006**. Plano Diretor do Município, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARINTINS. **Lei Orgânica do Município**, 2004.

SANTOS, M. S.; DUARTE, G. S.; ROSA, O. **O uso de maquetes no ensino aprendizagem em geografia**. Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.11, n.20; 2015.

STRAFORINI, R. **Ensinar geografia**: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. São Paulo: Annablume, 2004.

SILVA, V; MUNIZ, A. M. V. **A geografia escolar e os recursos didáticos**: o uso das maquetes no ensino-aprendizagem da geografia. Geosaberes, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 62-68, jan. / jun. 2012.

SILVA, K. M. H. B. **O estudo do conceito de bacia hidrográfica por alunos de 5º série do ensino fundamental**. 2004. Monografia (Trabalho de graduação individual) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

VESENTINI, J. W. **Geografia geral e do brasil**. São Paulo: Ática, 2000.